

Bullying Virtual: um estudo observacional a partir da linguagem fílmica

Virtual Bullying: an observational study from the film language

Fabiana Pinto de Almeida Bizarria¹

Mônica Mota Tassigny²

Marcus Vinicius de Oliveira Brasil³

Resumo: O filme *Bullying Virtual*, dirigido por Charles Binamé, baseou-se em um caso real passado nos Estados Unidos. O enredo trata de um caso de bullying ocorrido em uma rede social. A trama faz referência ao conceito de cyberbullying e, demonstra como esse fenômeno representa um novo tipo de violência com um potencial destruidor ainda maior, nas relações interpessoais. A análise do filme é apresentada, inicialmente, a partir da discussão em torno dos impactos das redes sociais nas relações interpessoais. Em seguida, são apresentadas algumas concepções sobre poder. A metodologia é apresentada no tópico seguinte, como um estudo observacional, a partir da linguagem fílmica. No tópico destinado a análise, objetivou-se discutir poder, violência e ética nas redes sociais. Por fim, nas considerações finais, aponta-se para as manifestações fundamentais da relação violência e poder no campo da ética.

Palavras-Chave: violência; poder; ética; redes sociais; cyberbullying.

Abstract: The film *Virtual Bullying*, directed by Charles Binamé, was based on a real case in the U.S. last. The plot is a case of bullying occurred on a social network. The plot refers to the concept of cyberbullying, and demonstrates how this phenomenon represents a new kind of violence with even greater destructive potential, interpersonal relationships. The analysis of the film is presented, initially, from the discussion of the impact of social networks on interpersonal relationship. Then, we present some ideas about power. The methodology is presented in the next section, as an observational study, from the film language. The topic for the analysis aimed to discuss power, violence and ethics in social networks. Finally, in concluding remarks, pointing to the manifestations of the fundamental relation between violence and power in ethics.

Keywords: violence; power; ethics; social networking; cyberbullying.

¹ Graduação em Psicologia. Especialização em Saúde Pública. Mestrado em Administração de Empresas (2014). Doutoranda em Administração na Universidade de Fortaleza. E-mail: bianapsq@hotmail.com

² Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (2002) e doutorado na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris). Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Ceará (1994). Atualmente é professora titular da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) no Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGD) e Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Direito (PPGD) da UNIFOR. E-mail: monica.tass@gmail.com

³ Doutorado em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (2014). Professor do Magistério Superior Classe 5 da Universidade Federal do Cariri. E-mail: mvo brasil@gmail.com

1. Introdução

A recorrência de atos de violência no ambiente escolar tem gerado intensas discussões na sociedade. É considerável o volume de estudos sobre o tema, configurando-se como um problema social com repercussões contemporâneas no campo da ética. Contudo, o fenômeno da violência escolar não é novo na conjuntura da educação nacional e internacional.

No Brasil, a evolução de estudos sobre esse tema é identificada a partir de 1980. Essa violência se apresenta de diversas formas, desde a formação de gangues, degradação de escolas, até a presença de tráfico de drogas (ANTUNES; ZUIN; 2008). Nas décadas seguintes, estas investigações passaram a enfatizar a violência nas relações inter-pessoais de formas que passaram a ser caracterizadas pela expressão *bullying*, agressivas (ANTUNES; ZUIN; 2008).

A palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *bully*, que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. A evolução do conceito, contudo, teve início da década de 1970, na Noruega e, aos poucos, o termo passou a ser empregado por toda a Europa, Estados Unidos e, nas últimas décadas, no Brasil (ANTUNES; ZUIN; 2008).

Em 2008, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) informou que 28% das crianças brasileiras foram vítimas de *bullying* nas escolas. Além disso, 15% sofrem agressões semanalmente. Outros dados são apresentados pelo Observatório da Infância (OI) sobre o *bullying* escolar que registrou, no mesmo ano, que dentre os estudantes do Ensino Fundamental do País, 45% já foram vítimas ou agressores (SCHULTZ; et al.;2012).

De acordo com pesquisa realizada em 2009, pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (CEATS) e a Fundação Instituto de Administração (FIA), a ocorrência do *bullying* indica que se vivencia um clima de violência no ambiente escolar. Nesta pesquisa foram estudadas cinco escolas, sendo que cada escola representou uma das cinco regiões do país. Do total de mais de 5000 estudantes, 70% afirmaram ter presenciado eventos de *bullying* com os colegas e 30% responderam ter vivenciado algum tipo de ação agressiva. Mesmo com esses índices, a problemática do *bullying* tem se tornado objeto de investigação apenas nos últimos anos, o que pode indicar que havia alta de conhecimento do fenômeno, ou pela resistência em relação ao seu enfrentamento ou, ainda, por desconsiderarem as implicações éticas deste comportamento para a vida social e produtiva do indivíduo.

No presente estudo, a análise deste fenômeno será realizada a partir da observação fílmica do filme americano *Bullying Virtual* (2011). O *bullying* ocorrido em ambiente virtual é também denominado de *cyberbullying* e é muito comum na sociabilidade contemporânea, pela facilidade de acesso a novos meios tecnológicos como a internet e, sobretudo, às redes sociais. Constitui-se uma espécie de ataque pessoal, moral com nuances de violência e repercussões no campo ético ocorrida nos meios *online*, tais como: e-mails, celulares, *blogs*, *chats*, facebook e outros equipamentos ou dispositivos eletrônicos. Em geral, estabelece-se uma relação antagônica que leva a conflitos reais, assim como a sentimentos de perda, desespero, constrangimentos, depressão, opressão etc.

O filme *Bullying Virtual* foi dirigido pelo diretor americano Charles Binamé. Baseou-se em um caso real passado nos Estados Unidos. O enredo trata de um caso de *bullying* ocorrido em uma rede social. A trama faz referência ao conceito de *cyberbullying* e, demonstra como esse fenômeno representa um novo

tipo de violência com um potencial destruidor ainda maior, nas relações interpessoais, tendo em vista a velocidade que as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) deram as informações.

Sem a intenção de propor novos conceitos, parte-se do entendimento que a ética representa um atributo que surge na relação de alteridade, respeito e de empatia entre pares. Nestes termos, aborda-se a necessidade urgente de sermos capazes de um agir ético diante do outro no contexto contemporâneo da virtualização.

Contudo, não se pretende esgotar toda a gama de possibilidades de reflexões sobre o *cyberbullying* e seus efeitos nos campos da violência, poder e ética, pretendeu-se, principalmente, suscitar reflexões favoráveis a não naturalização do fenômeno central do filme, assim como suas repercussões éticas no que se refere ao respeito à dignidade humana em toda e qualquer circunstância real ou virtual.

2. Relacionamentos interpessoais nas redes sociais

Sobre o advento da tecnologia e sua inserção nas novas formas de existir, Castells e Cardoso (2005, p. 17), afirmam que “o nosso mundo esta em processo de transformação estrutural desde há duas décadas (...) e está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60”. Sobre a afirmação popular que define que a tecnologia determina a sociedade, Castells e Cardoso (2005) se posicionam de forma contrária. Para esses autores “a sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias. Além disso, as tecnologias de comunicação e informação são particularmente sensíveis aos efeitos dos usos sociais da própria tecnologia” (CASTELLS; CARDOSO 2005, p. 17).

A tecnologia e a sua popularização tem produzido novos modos de agressão. Essas expressões violentas, realizadas por meio de *bullying* ultrapassaram as barreiras físicas. O *cyberbullying* acontece quando “agressões, insultos, difamações, maus-tratos intencionais, contra um indivíduo ocorrem com a utilização da internet, se configura como uma forma de violentar o outro, ou os outros, de maneira disfarçada” (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA; 2012, p. 257).

O nome do agressor pode ser identificado, na maioria das situações, mas existe uma sensação de atividade secreta quando se trata de ambiente virtual, visto que as pessoas podem montar um perfil “falso” para realizar atos por meio de uma máscara, que esconde a verdadeira face do sujeito que realiza ações violentas. “O praticante do *cyberbullying* esconde-se, facilmente, sob uma identidade alternativa, virtual, fazendo com que se sinta seguro para praticar a violência sem sofrer reprimendas” (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA; 2012, p. 259). A essa couraça, criada, animada e inserida num jogo em que se mistura realidade e fantasia é que se denomina “perfil falso”. Por meio de um perfil como esse, a trama do filme se desenvolve, sendo que a vítima é colocada como uma personagem numa história cruel criada pelo agressor.

O assédio realizado em ambientes virtuais utilizando as novas TICs são discutida por Avilés (2009) apud Azevedo, Miranda e Souza (2012), por meio de uma pesquisa que objetivou avaliar perfis e diferenças na dinâmica do *ciberbullying*. Nesta pesquisa identificou-se que “a cada dez adolescentes, oito usam internet em casa, o que significa que o praticante do *cyberbullying* pode agredir sua vítima quando não

está na escola ou nas proximidades dela e, portanto, o lar pode não ser mais um refúgio seguro” (p. 258).

Com o estabelecimento da era virtual e a proliferação de imagens, tudo parece estar progressivamente em estado de transparência (DUPAS, 2011). Esse aspecto pode ser observado por meio do sentimento de onipresença e onipotência da internet. A sensação de poder por parte do agressor em relação à vítima, principalmente, quando não se sabe a identidade do agressor, favorece um maior sofrimento do agredido, pelo fato deste receber insultos, estando em qualquer lugar, em qualquer hora. Embora existam mecanismos de defesa contra o *cyberbullying*, tais como rastrear os locais de acesso até chegar ao agressor, ou mesmo utilizar outros espaços digitais no caso de aderir à outra rede social, fugir desses ataques fica difícil em espaços geograficamente localizados, quando ocorre o *bullying*.

Castells e Cardoso (2005) ensinam que vivemos a Era da Informação e que somos uma sociedade em rede. Essa sociedade é constituída por um novo fluxo de informações, por novas concepções sobre espaço e tempo e que determinam novas formas de subjetivações e padrões de produção. As relações estabelecidas por esse crivo também mudaram com a virtualização das interações.

A perspectiva de Castells e Cardoso (2005, p. 49) sobre redes sociais é que representam,

estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de Comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto, altamente dinâmico (...).

Este estudo compartilha do conceito de rede social de informação de Ferreira (2011, p. 214). Para este autor essa rede representa um “conjunto de pessoas, com algum padrão de contatos ou interações, entre as quais se estabelecem diversos tipos de relações e, por meio delas, circulam diversos fluxos de informação”.

O estabelecimento de novas culturas por meio das redes também representa um aspecto importante para a leitura da violência, tendo em vista que o poder expresso nas relações virtuais dialoga com possibilidades agressivas. “As redes ao longo da história tem constituído uma grande vantagem e um grande problema por oposição a outras formas de organização social” (CASTELLS; CARDOSO, 2005, p. 17). Sendo essas redes, espaços de compartilhamento de informações, interesses, mobilização, não se imagina que nas redes se constitua formas de hierarquia, valores e culturas.

Mas, quando se trata de analisar o *cyberbullying*, é possível inferir que os diferentes modos de organizar-se e de interagir por meio de uma rede gera reflexões sobre o poder que se expressa no *cyberbullying*, bem como sobre a análise dos aspectos éticos envolvidas nessa forma de “estar” com os outros, por meios de redes virtualizadas.

Para dialogar sobre as questões levantadas, Azevedo, Miranda e Souza (2012, p. 259) também nos ensinam que “o *bullying* digitalizado é uma manifestação violenta grave que não pode ser tolerada, precisa ser pesquisado e divulgado, já que pode ocorrer de maneira anônima no “mundo virtual” de crianças e jovens”.

Ainda sobre esse aspecto, o estudo realizado por outros autores apresenta que:

as prevalências de *bullying* (vítimas e agressores) são consideráveis e devem servir de alerta para a

comunidade em geral. A insatisfação com a imagem corporal foi a variável mais fortemente associada às vítimas, e também apresentou associação significativa com os agressores. Os hábitos sedentários associaram-se com os agressores e vítimas de *bullying*. Os meninos mostraram-se como potenciais agressores em relação às meninas, assim como os escolares mais velhos em relação aos mais novos (RECH *et al.*, 2013, p.169).

A constatação dos prejuízos causados pelo *bullying* também é apresentada por Lopes Neto (2005). Em seu estudo sobre o comportamento agressivo entre estudantes, esse autor afirma que se trata de “um problema universal, tradicionalmente admitido como natural e frequentemente ignorado ou não valorizado pelos adultos”. Além dos aspectos negativos desse tipo de violência, Lopes Neto (2005, p.164) enfatiza a relevância de se adotar programas preventivo, visto que “a prevenção do *bullying* entre estudantes constitui-se em uma necessária medida de saúde pública, capaz de possibilitar o pleno desenvolvimento de crianças e adolescentes, habilitando-os a uma convivência social sadia e segura”.

3. Concepções sobre o poder

A palavra poder vem do latim vulgar *potere*, substituído ao latim clássico *posse*, que vem a ser a contração de *potis esse*, “ser capaz”, “autoridade”. Dessa forma, na prática, a etimologia da palavra poder torna sempre uma palavra ou ação que exprime força, persuasão, controle, regulação etc. (FERREIRINHA; RAITZ, 2010).

O estudo de Ferreirinha e Raitz (2010, p. 382) sobre a obra de Foucault, indica que o poder para esse teórico “é entendido como uma relação flutuante, não está numa instituição e nem em ninguém”. A relação com o corpo aparece de forma imperativa, por meio da disciplina. Pogrebinschi (2004, p.192) apresentou um triplo objetivo da disciplina. Ela “visa tornar o exercício do poder menos custoso – seja econômica ou politicamente –, busca estender e intensificar os efeitos do poder o máximo possível e, ao mesmo tempo, tenciona ampliar a docilidade e a utilidade de todos os indivíduos submetidos ao sistema”.

A relação de força imposta sobre os corpos (físicos ou imaginários) é apontada como “sujeição de obediência política, aceitação das regras e normas sem a capacidade de reflexão crítica” (FERREIRINHA; RAITZ, 2010, p. 382).

A capacidade de reflexão crítica comprometida sobre os fatos é uma característica dos corpos dóceis, submetidos, ou subjugados. Os efeitos dessa relação de força opressora que gera manipulação dos corpos para transformá-los em úteis e dóceis são sentidos na própria constituição subjetiva do sujeito (FOUCAULT, 1999). No mundo globalizado, os poderes que atuam sobre o destino individual estão mal identificados, ocultos pelas redes (DUPAS, 2011).

O aspecto da violência para Arendt (1994, p. 36), “corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo se conserva unido”. Essa autora apresenta outra forma de conceber violência, visto que não é a violência que gera o poder, mas ela aparece quando o poder está ameaçado: “poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente” (ARENDRT, 1994, p. 44).

Com a proposta de distinguir esses dois conceitos, Arendt (1994, p. 35) acrescenta que “uma das mais óbvias distinções entre poder e violência é a de que o poder sempre depende dos números, enquanto a violência, até certo ponto, pode operar sem eles, porque se assenta em implementos”. Já a autoridade é atribuída a alguém que assume posição hierárquica, sua insígnia é o reconhecimento inquestionável por aqueles a quem se pede que obedeçam; nem a coerção nem a persuasão são necessárias (ARENDR, 1994; LUKES, 1980).

Sendo o poder legítimo, e a violência não, visto que esta precisa ser justificada por ter natureza instrumental. “Sua justificação perde em plausibilidade, quanto mais o fim almejado se distancia no futuro. Ninguém questiona o uso da violência em defesa própria porque o perigo é não apenas claro, mas também presente, e o fim que justifica os meios são imediatos” (ARENDR, 1994, p. 41). Esta autora complementa, ainda, que “a forma extrema do poder é o todos contra um, a forma extrema de violência é o um contra todos” (ARENDR, 1994, p. 35). No filme se percebe as duas facetas. Do agressor direto que ativamente explora formas de intimidar a garota, e a agressão permanente do grupo de alunos da escola, que aproveitaram a oportunidade para explorar comentários e fofocas que oprimem a adolescente.

Além de Arendt (1994), Chauí (1999) apresenta discussões sobre poder e violência. Para Chauí (1999, p. 03), os eventos de violência, em geral, não são considerados em sua complexidade, visto que:

as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as exclusões econômicas, políticas e sociais, o autoritarismo que regula as relações sociais, a corrupção como forma de funcionamento das instituições, o racismo, o sexismo, as intolerâncias religiosa, sexual e política não são consideradas formas de violência, isto é, a sociedade brasileira não é percebida como estruturalmente violenta, e, por isso, a violência aparece como um fato esporádico superável (CHAUÍ, 1999, p. 03).

Além de tentar distinguir esses dois conceitos e de tentar compreender a complexidade dos aspectos da violência, Chauí (1999) apresenta reflexões sobre violência e ética, na tentativa de pensar numa solução para o enfrentamento da violência.

Atribuir a solução da violência às relações interpessoais, também é uma forma errônea de se combater a violência, pois ética “não só se confunde com a compaixão como ainda permanece cega às condições materiais da sociedade contemporânea” (CHAUÍ, 1999, p. 3).

O desenvolvimento de tecnologias tem influenciado em mudanças nas interações sociais. Essas mudanças se manifestam nas novas formas de perceber o mundo, impactando opiniões e conceitos. A tecnologia invade nossos espaços e não temos como impor resistência a ela. Ondas de entusiasmo, apoiadas e lançadas por todos os meios de comunicação, propagam-se instantaneamente. A internet, por exemplo, passou a ser condição de felicidade (MACLUHAN, 2004, DUPAS, 2011; CASTELLS, 2005).

As redes sociais têm sido a nova tônica das relações, pois compõem as cenas da vida cotidiana, instaladas em nossa intimidade (DUPAS, 2011). Sua influência e abrangência repercute em novas formas de entender relações subjetivas. O filme analisado aborda a questão do impacto das redes sociais nos modos de existir do homem, em especial, do adolescente, por descrever duas situações emblemáticas da cultura do cyberspaço: a superexposição e a violência.

4. Observação fílmica como metodologia

Esta investigação realiza um estudo observacional, a partir da linguagem fílmica, numa abordagem qualitativa, a partir dos significados apreendidos do filme, sendo estes o principal foco da investigação. Essa análise fílmica tem como objetivo o aprofundamento no mundo dos significados das ações e relações humanas (MERRIAM, 1998).

Dessa forma, além da observação do filme, consta neste artigo algumas categorias de estudo. Essa análise considerou os diferentes pontos de vista e perspectivas de formação acadêmica dos autores, o que proporcionou reflexões mais abrangentes. Assim, os pesquisadores puderam agregar suas diversas percepções, com referência em abordagens teóricas, e que possibilitou a análise que será detalhada mais adiante.

Filmes como instrumentos de pesquisa parte da concepção de que não há uma interpretação única possível e que a interpretação serve para validar as afirmações relacionadas à verdades produzidas pelo filme sobre a realidade e “(...) essas interpretações de múltiplos intérpretes podem ser analisadas e comparadas no tocante às diferentes construções de suas realidades” (FLICK, 2004, p.167). A principal contribuição, comparada a observação tradicional, diz respeito à vantagem de acesso repetido (FLICK, 2004).

A utilização dos dados visuais vem atravessando um período crescente de redescobrimto na pesquisa qualitativa, visto que há “um desejo por parte do pesquisador de ultrapassar os limites das palavras orais e do relato sobre as ações, (...) e pelo fato de que algumas observações funcionam sem a necessidade de o pesquisador realizar qualquer intervenção no campo em estudo” (FLICK, 2004, p.171).

A violência, o poder e a ética foram as categorias analisadas na cultura dos meios midiáticos contemporâneos expostos no filme em questão. A ética emerge neste contexto abordado pelo filme como uma reflexão crítica nestas relações de poder que se estabelecem nas redes sociais.

5. Análise do filme

5.1. *Bullying Virtual* e a relação com os amigos

O filme *Bullying Virtual* fala sobre o perigo de um usuário das redes sociais tornar-se vítima de *cyberbullying* pela internet. A frase que pode resumir o filme é a máxima que serve para todas as redes sociais, “o que você faz online não é exatamente particular” e pode ter repercussões negativas em sua vida em sociedade. O enredo desenrola-se entre três amigas, Taylor Hillridge, Samantha e Charlene, que estudam na escola de nível médio *Mountain High School*. As jovens dialogam constantemente sobre questões da juventude e adolescência, tais como: sexo antes do casamento, relacionamentos mal correspondidos, beleza juvenil e atração sexual.

Taylor Hillridge é uma adolescente criada pela mãe e tem um irmão mais novo. No aniversário de 17 anos, recebe de aniversário de sua mãe um computador. Sua maior alegria com o presente expressa sua relação com a mãe, que apresenta forte vigilância em relação à filha, principalmente, com computadores. A independência conquistada com o presente estimulou-a a criar um perfil numa rede social. Além dela, todas as suas amigas e demais colegas de escola possuíam perfil dessa rede.

Taylor motivada pelas amigas do colégio se inscreve na rede social cliqueter.com, uma rede de relacionamentos virtual, aos moldes do facebook. A experiência do *cyberbullying* iniciou com Erick que, para se vingar da irmã, que não o deixava acessar o computador novo dela, acabou por descobrir a senha da irmã e passou a insultá-la *online*, chamando-a de vadia, fato que muito transtornou a jovem Taylor. Em seguida, ela passou a ser insultada por um sujeito que se autodenominava James Petitous. A jovem aceitou o convite de amizade, sem saber que, com pouco tempo de relacionamento, passaria a ser atacada com palavras agressivas. Outros passaram a proferir insultos contra a mesma pela internet. O fato virou uma “bola de neve” multiplicando os ataques na rede social.

A partir desses fatos, a trama do filme ganha alguns contornos e a violência virtual passou a ganhar proporções morais e éticas acentuadas porque a dignidade da personagem foi atingida até motivar a tentativa de suicídio da adolescente Taylor. Os desdobramentos na escola, na família revelaram a intensidade da problemática e da violência do *cyberbullying*.

5.2. A relação com a mãe

A mãe de Taylor, no filme, educa seus filhos sem a figura paterna. Separou-se do pai de Taylor quando a adolescente ainda era pequena. Esse fato contribuiu para que sua criação fosse mais rígida, pelo medo da mãe de falhar e pelo medo de um possível sofrimento da filha. Esse fato aparece no filme em diversos diálogos, quando a filha explicita se sentir sufocada pelo controle exercido pela mãe. Essa vigilância se acentua quando o assunto é a utilização de internet por parte de Taylor, pelo fato dos malefícios que a exposição na rede poderia trazer a filha.

Mesmo diante do medo, a mãe de Taylor resolve lhe presentear com um computador portátil, por entender que seria importante para filha ter “um voto de confiança”. A maior liberdade de Taylor foi motivo de intensa alegria. A mãe estabeleceu regras para o uso do computador, mas Taylor não seguiu a regra que definia que ela não deveria criar um perfil numa rede social. A influência dos amigos da escola que possuíam perfis em redes sociais, fez com que Taylor não atendesse a regra de sua mãe. A criação do perfil foi vivenciada como um momento de aventura e independência. Maiores consequências não fizeram parte desta escolha, tendo em vista a popularidade das redes, e pelo fato de “todo mundo ter”.

A descoberta do *cyberbullying* aconteceu após aceitar um amigo na rede social que a garota não conhecia. Esse amigo utilizou informações falsas e mensagens conquistadoras para atrair a adolescente e fazê-la aceitar seu convite. Em seguida, Taylor vivenciou situações constrangedoras e que culminaram numa tentativa de suicídio, por overdose de remédios.

Em vários momentos do filme Taylor questiona o motivo das agressões, principalmente por não saber, com segurança, a identidade do autor do conteúdo difamatório. A divulgação das mensagens percorreu a escola de forma rápida e a personagem sentiu o distanciamento das amigas e a agressão dos demais colegas. Sem poder de defesa, a garota expressa sua angústia para a mãe que resolve tentar ajudar a filha.

5.3. A descoberta do *cyberbullying* e a busca de apoio

Com a tentativa de suicídio o filme ganha novos contornos. Revela-se como um momento importante, pois retrata uma maior abertura na relação mãe-filha, bem como apresenta a discussão de como abordar a questão do *bullying* pela escola, pelos pais e pelos amigos. As cenas em que Taylor participa de grupo de ajuda revela que a problemática é recorrente e partilha de intensa crueldade e um poder destrutivo. A participação no grupo revela a possibilidade de acolhimento de situações de vulnerabilidade impostas pelas situações de violência e permite que Taylor encontre força e discernimento para apoiar a luta contra as situações de violência realizadas em ambientes virtuais.

Após a tentativa de suicídio, a adolescente passou a frequentar um grupo de apoio às vítimas do *cyberbullying*. Nesse grupo encontrou colegas da escola que vivenciaram situações de violência semelhante às dela. A mãe de Taylor, após o a tentativa de suicídio da filha, se envolveu na busca de ajudar pessoas que viveram situações semelhantes.

A identidade do autor das agressões só foi apresentada no final do filme. A autora era sua principal amiga, que assume a construção do perfil falso por ciúmes, pelo fato de Taylor ser paquerada por um garoto. Essa revelação representa outro momento importante do filme, principalmente porque muitas lentes podem ler esse fenômeno de formas distintas, mas esse artigo, que enfatiza os aspectos do poder e da ética, se posiciona diante da seguinte questão. Que princípios (não) éticos movem uma pessoa a agredir uma amiga? Como uma ferramenta tecnológica pode ser utilizada como instrumento de dominação violenta? É possível pensar em formas de coibir *ciberbullying*? A judiciliação é uma solução? É a melhor solução?

5.4. A relação entre *cyberbullying* e poder, violência e ética

A relação entre poder, violência e ética são as categorias de análise propostas por este estudo. O filme foi analisado considerando essa tríade de conceitos. Parte-se da concepção de que “a violência, seja ela psíquica ou física, é a expressão maior do exercício do poder, é a domesticação dos corpos e das mentes, submetendo o indivíduo a uma relação de sujeitado.” (AZEVEDO; MIRANDA; SOUZA, 2012, p. 251).

O fenômeno do *bullying* é apresentado por Bandeira e Hutz (2010) como um processo de controle social e afirma que, a situação de vitimização acontece nas interações sociais e é reforçada por membros dos grupos. O agressor exerce poder e liderança por meio do *bullying*, visto que o autor das agressões se afirma no seu grupo por meio da violência, principalmente em relação a pessoas identificadas como diferentes, frágeis e fracas. Isso faz com que os autores consigam solidificar suas posições na hierarquia do grupo a que pertencem ou também aumentem sua popularidade entre os colegas (BANDEIRA; HUTZ, 2010). A violência se instaura sem provocação por parte da vítima e o agressor analisa suas ações sem a sensação de culpa, visto que, haveria satisfação na dominação e no controle em relação à vítima.

A condição da superioridade faz com que algumas vítimas também exerçam *bullying*. De acordo com Lopes Neto (2005, p. 168), os sujeitos que vivenciam a dualidade vítima agressor apresentam a “combinação da baixa autoestima e atitudes agressivas e provocativas”. Essas características podem indicar que as crianças ou adolescentes envolvidos possuem algum tipo de transtornos psicológicos, e, por isso, merecem maior atenção. Alguns sinais podem ajudar a identificar esse perfil, “podem ser depressivos,

inseguros e inoportunos, procurando humilhar os colegas para encobrir suas limitações. Diferenciam-se dos alvos típicos por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição entre seus colegas” (LOPES NETO, 2005, p. 168).

De acordo com Lopes Neto (2005, p. 166) os seguintes fatores são identificados como de risco: “fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, da escola e da comunidade”. Além disso, esse autor lembra que a maioria dos eventos de *bullying* acontece sem os adultos tomarem conhecimento, tendo em vista que as vítimas, por medo ou vergonha, não falam sobre as agressões, e poucos professores e pais percebem o *bullying*. Quando isso acontece, geralmente, a violência instalada encontra-se em níveis mais acentuados.

A questão colocada pelo filme se insere nas situações de intensa exposição e dos limites da utilização do espaço virtual, tendo em vista as diversas possibilidades de agressão potencializadas pela virtualização do sujeito e pelo domínio público da vida privada que as redes impõem. “O conhecimento se torna assim um meio de apropriação mágico. (...) A função das fofocas é não apenas transformar a vida real em mito e o mito em realidade, mas desvendar rigorosamente tudo, e tudo oferecer a uma curiosidade insaciável.” (MORIN, 1989, p. 60).

Como identificar, no meio virtual as ações de violência? Como combatê-las, tendo em vista que a responsabilização nesse espaço é mais comprometida em virtude do anonimato. Para tanto, cabe à discussão da ética e dos valores do ser humano, como aspecto central da cidadania e dos direitos humanos, para que a leitura de fenômenos de *cyberbullying* possa ser enfrentada em nome da “convivência” nos espaços virtuais (BANDEIRA; HUTZ, 2010).

O filme trata dessa questão ao abordar a liberdade dos espaços virtuais e de como isso influencia a violência. O poder e o domínio que as ferramentas tecnológicas suscitam, favorecem a emergência da violência, tanto pela sensação de impunidade, como pela facilidade de ação. “As diferenças espaciais (perto, longe, alto, baixo, grande, pequeno) são apagadas; o aparelho de rádio e a tela da televisão tornam-se o único espaço real. As distâncias e proximidades, as diferenças geográficas e territoriais são ignoradas” (CHAUÍ, 2006, p. 46).

A violência aqui pode ser concebida como um momento de invasão do espaço pessoal e utilização dessa abertura para intimidar. Pode-se apresentar de três formas: Física, moral e física e moral. Pode acontecer de forma clara ou secreta. As agressões também podem ser evidenciadas por gestos, palavras ou simplesmente pelo olhar. As mensagens podem ser interpretadas de diversas formas, visto que muitas podem ser subliminares. Assim, a leitura dos fenômenos da violência deve observar à boa “convivência”, e saber abordar as ações violentas sutis, mais difíceis de caracterizar.

Uma outra importante questão evocada no filme diz respeito à saúde mental como um princípio ético que deve ser respeitado. Isto nos remete diretamente à pessoa humana, de sua vocação e das ameaças que rondam sua existência nas situações do mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2001). Por esta razão devemos nos confrontar com o *Cyberbullying* como uma ameaça a estabilidade, ao bem estar, porque o que está em pauta é a existência humana e sua condição, pois de alguma forma a personagem foi ferida e rebaixada por aqueles que não a respeitaram, que a desestabilizaram no que se refere a sua saúde mental.

Também outro aspecto do *cyberBullying*, a busca pela popularidade, pode ser sugerido a partir da

leitura do filme. Essa busca pela inserção nas redes, muitas vezes, pode mascarar o desejo de aceitação pelo grupo e de ser uma pessoa mais desejável, mais interessante. Esse aspecto expõe fragilidades e inseguranças e alimenta respostas em relação à agressão recebida. Na situação do filme, todos os adolescentes da escola entram no jogo do *bullying* e, alguns, aproveitam a situação para expressar comentários maldosos em relação a adolescente.

Esse desejo de aceitação pode ser observado como pertencente a uma cultura baseada no narcisismo e na exposição, pois amplia a celebração e o culto a si mesmo. O culto ao Narciso se expressa na admiração de sua própria imagem, que pode ser uma imagem distorcida que um sujeito possui sobre si mesmo. No caso dos perfis ideais, muitas vezes, os sujeitos constroem caricaturas de si próprias, alimentando uma imagem turva.

Nenhuma imagem retrata a completude do ser humano, mas o que se apresenta nos perfis das redes sociais, em geral, se insere numa busca ideal de imagem, que gere uma “boa” leitura sobre o sujeito e que proporcione aceitação social. Isso pode ser sintetizado pelo esforço em constituir o avatar e pela descrição de perfis ideais e slogans de si mesmo (MCLUHAN, 1974).

Quem não se insere num perfil social popular, o sujeito passa a se sentir “antissocial”, pelo simples fato de não partilhar dos mesmos mecanismos de comunicação da maioria. O controle sutil que essas redes impõem ao homem pode gerar angústia e solidão, já que a rede vasta de amigos não se concretiza no mundo real (físico).

Os sujeitos agressores buscam o ambiente virtual e escolhem pessoas-alvo, por diversas razões, como, por exemplo, pelo fato de parecerem mais frágeis. Constroem uma imagem da vítima por meio de seus comentários e a distorção é facilmente difundida, pela velocidade de compartilhamento de informações. A imagem depreciativa e ridicularizada da vítima pode estar associada a formas de satisfação que, inclusive, desperta a manifestação de outros potenciais agressores.

Os sentimentos de raiva e de intolerância diante do que é diferente podem intensificar as ações de *bullying* e, no caso dos espaços virtuais, podem facilitar que esses sentimentos sejam extravasados. O alvo pode apenas representar a figura da raiva. No filme, Taylor é uma menina pouco popular, pertencente a um grupo de meninas que também não são populares. O motivo aparente relatado no filme que a levou ser alvo de *bullying* foi um comentário feito pela adolescente a uma amiga. Esse comentário fez referência a um amor mal resolvido e que deixou marcas profundas nessa amiga.

Outro motivo apresentado pelo filme para que a amiga tenha resolvido agredir Taylor foi despertado pela inveja. Taylor estava sendo cobiçada por um garoto “popular”. Acreditar que esse garoto a escolheu como paquera e que Taylor estava sendo “querida” por ele, despertou a sua fúria de sua amiga. A agressora admite ter agido “sem pensar” e que se arrependia do que havia feito. Isso induz a uma reflexão sobre o *Cyberbullying*. Será se a amiga teria realizado, na mesma intensidade, o *Bullying* sem que a utilização do espaço virtual?

Para McLuhan (1974) a tecnologia pode ser interpretada como uma extensão do corpo. Entendida dessa forma cabe à busca de uma nova relação de equilíbrio. Sendo parte do corpo, expressando uma imagem de si, esse corpo de modifica com as mudanças impostas pela rede, a medida que gera mudanças. Essa relação de extensão do corpo, associado à velocidade e intensidade das informações veiculadas, pode

inferir que a agressão causada pelos meios virtuais podem gerar consequências ainda mais devastadoras para a vítima. Instaura-se o medo e a relações de medo. Relaciona-se por medo de exclusão, por medo de *Bullying*, por medo de ser o que se é. Assim, todo mundo “tem rede social”, todo mundo “tem que ter”. Essa postura responde, de forma incompleta, o que se questiona no início desse artigo. Como as redes sociais pode expressar relações de poder e essa relação se desenvolver em formas violentas.

Busca-se, então, na instância do direito, a tentativa de discutir formas de responsabilização que gerem uma diminuição dessas situações. A mãe de Taylor rastreia possibilidades de levar a questão para uma corte. Nestes termos o filme em tela, evoca problemas fundamentais da ética, com raiz no fato moral, como sistema de regulação das relações entre indivíduos e entre estes e a comunidade (VÁZQUEZ, 2000).

A moral é uma forma de comportamento humano que se encontra em todos os tempos e em todas as sociedades. O *cyberbullying*, portanto, caracteriza uma manifestação atual que ameaça o sistema moral atual e afronta questões cruciais da ética na tentativa de aproximar a moral como expressão da dignidade humana ou de uma moral verdadeiramente humana e universal.

6. Considerações finais

A análise do filme *Bullying Virtual* desvela manifestações fundamentais da relação violência e poder no campo da ética. Crê-se que um dos efeitos da globalização capitalista, marcada pelo individualismo e a competição exacerbada é a proliferação de valores que reforçam a injustiça, a opressão e de desvalorização do indivíduo.

O *bullying* através das redes de computadores é um destes efeitos e constitui um dos produtos das relações desiguais que gera grandes aflições ao ser humano como um aspecto enfermo e desumanizador da sociedade contemporânea. O filme em questão apresenta os sintomas de toda injustiça e desumanização inerentes ao nosso sistema econômico e cultural, centrado no capital, na produtividade, no consumismo, no poder e na violência.

O *cyberbullying* evoca problemas morais e éticos porque refere-se à opressão de uma pessoa, à violência exercida pelo poder de um pequeno grupo que instaura uma verdadeira ditadura que nega a dignidade humana e sua liberdade. Ao mesmo tempo, instiga-se a prestar mais atenção ao ser humano na edificação de novos caminhos morais e éticos na direção de uma sociabilidade mais humana, fundamentada nos princípios de uma liberdade efetiva.

As novas formas de interação social mobilizam novos padrões de comportamento, novas concepções de mundo e habilita o ser humano a produzir transformações culturais. Nesse processo, há rupturas, descontinuidades, construções e reconstruções. Infere-se que a violência deflagrada nas redes sociais assemelhem-se a formas de manifestação violenta diante de uma sociedade que ainda não sabe o que fazer com a expansão das redes, visto que os padrões de conduta não acompanham essa expansão, nem a atualização das normas e dos comportamentos morais diante de fato novo e inesperado como o fenômeno do *cyberbullying*.

Diante da sensação de invasão que o filme suscita é percebida a necessidade de a sociedade constituir novos mecanismos para conter a “maldade” ou simplesmente o desrespeito e a desvalorização da pes-

soa humana, até criminalizando o *cyberbullying*, como sugerido no filme exposto, ou mesmo instaurando processos educativos mais responsáveis e universais em que o respeito homem-máquina-homem possa ser significativo do ponto de vista ético e moral. Para isso, revelam-se necessários novos pensamentos e novas formas de se refletir sobre violência, poder e ética.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. Á. S. Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. **Psicologia e Sociedade**. v.20, n.1, p. 33-41, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822008000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 jun. 2013.

ARENDDT, H. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

AZEVEDO, J. C.; MIRANDA, F. A.; SOUZA, C. H. M. Reflexões a cerca das estruturas psíquicas e a prática do Cyberbullying no contexto da escola. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. v. 35, n. 2, pp. 247-265, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/interc/v35n2/13.pdf>> . Acesso em: 11 jun. 2013.

BANDEIRA, C. M.; HUTZ, C. S. As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. **Revista Semestral da Associação de Psicologia Escolar e Educacional**. v. 14, n. 1, pp. 131-138, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a14.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2013.

CASTELLS, M.; CARDOSO, G. **A sociedade em rede**: do conhecimento à ação política. Conferência Promovida pelo Presidente da República. Imprensa Nacional. 2005. Disponível em: <http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/sociedade-em-rede-do-conhecimento-%C3%A0-ac%C3%A7%C3%A3o-pol%C3%ADtica>. Acesso em 03 jun. 2013.

CENTRO DE EMPREENDEDORISMO SOCIAL E ADMINISTRAÇÃO EM TERCEIRO SETOR (CEATS). Bullying Escolar no Brasil: relatório final. São Paulo: Fundação Instituto de Administração (FIA), 2010. Disponível em: http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisa-bullying_escolar_no_brasil.pdf. Acesso em: 11 maio 2013.

CHAUÍ, M. Uma Ideologia Perversa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno Mais!, p. 3, 1999.

CHAUÍ, M. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

DUPAS, G. Ética e poder na sociedade da informação: de como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FERREIRA, G. C. Redes Sociais de Informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**. v.16, n.3, pp. 208-231, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n3/13.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas.

Revista de Administração Pública. v.44, n.2, pp. 367-383, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>. Acesso em 03 maio 2013.

FLICK, U. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa.** 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Ed. 14. Editora Graal. 1999.

LOPES NETO, A. A. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 05 (Supl), pp.164-172, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2013.

LUKES, S. Poder e Autoridade. In: BOTTOMORE, T.; NISBET, R. **História da Análise Sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar Edidotores, 1980.

MCLUHAN, M. **Os meios de Comunicação como extensão do homem.** Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1974.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education.** San Francisco, Jossey-Bass Inc. Publishers, 1998.

MORIN, E. **As estrelas.** Mito e Sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

OLIVEIRA, M. A. de. **Desafios éticos da globalização.** São Paulo: Paulinas, 2001.

PERISSINOTTO, R. M. Hannah Arendt, poder e a crítica da “tradição”. **Lua Nova.** n.61, pp. 115-138, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 maio 2013.

POGREBINSCHI, T. Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder. **Lua Nova.** n.63, pp. 179-201, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000300008&script=sci_arttext>. Acesso em: 04 jun. 2013.

RECH, R. R.; et al. Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of bullying. **Jornal de Pediatria.** v.89, n.2, p. 164-170, 2013. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23642427>. Acesso em: 02 maio 2013.

SCHULTZ, N. C. W. et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em Estudo.** v.17, n.2, p. 247-254, 2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722012000200008&script=sci_arttext>. Acesso em 14 maio 2013.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética.** 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.